

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Débora Antônio Souza Oliveira

OS PROTAGONISTAS DA MELHOR IDADE: TECENDO MEMÓRIAS

Paranaíba/ MS

2015

Débora Antônio Souza Oliveira

OS PROTAGONISTAS DA MELHOR IDADE: TECENDO MEMÓRIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba - MS, como exigência parcial para licenciatura do Curso de Pedagogia.

Orientador: Prof^o. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes

Paranaíba/ MS

2015

Débora Antônio Souza Oliveira

OS PROTAGONISTAS DA MELHOR IDADE: TECENDO MEMÓRIAS

Este exemplar corresponde a redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em...../...../.....

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes
Universidade Estadual de Mato do Sul – UEMS

Prof. Dr. José Antônio Souza
Universidade Estadual de Mato do Sul – UEMS

Mestre Júnior Tomaz de Souza
Universidade Estadual de Mato do Sul – UEMS

Dedico este trabalho a todos os idosos do Lar Santo Agostinho, em especial, ao meu entrevistado Sr. Joaquim Carvalho, pelo seu exemplo de coragem e humildade na luta por uma velhice digna.

AGRADECIMENTOS

Muito tenho que agradecer por estes quatro anos de faculdade. Primeiramente, quero agradecer a Deus e a nossa Senhora Aparecida por estarem comigo em todos os momentos, pela força concedida durante essa caminhada, pelas vezes em que me escutou chorando baixinho achando que nada daria certo.

Ao Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes por aceitar o desafio de me orientar e pelos ensinamentos que me foram transmitidos e por ter acreditado em mim. À UEMS e seu corpo docente, direção e administração, por acreditarem no nosso desenvolvimento e nos proporcionar o essencial: o conhecimento. O meu muito obrigada.

Ao Asilo Santo Agostinho e ao colaborador desta pesquisa pela disponibilidade e carinho em relatar sua experiência, permitindo que partilhássemos de sua intimidade, para que, de maneira ética, pudéssemos elaborar nosso trabalho.

Á minha filha Larissa que soube ser paciente, muitas vezes sentindo minha ausência, querendo uma conversa, um carinho, um passeio e não foi possível. Desculpe por tudo, filha.

Ao meu esposo Leandro Souza que cuidou da nossa Larissa Souza nestes quatro anos, às vezes também cansado da rotina e que, ao final de tudo, lutou contra a doença que nos abalou profundamente, mas a nossa fé foi maior e vencemos.

Obrigada, pai João Alves Souza e minha mãe Maria Jose Antônio Souza, pelo cuidado com minha filha, pelo apoio afetivo e material em todos os momentos. A vocês, não tenho e nunca teria palavras suficientes para agradecer tudo que fizeram e fazem por mim e por minha família.

Aos meus irmãos Dêis Antônio, Ernanes Antônio e Benedita Alves e minha sobrinha Isadora Garcia, que acreditaram na minha dedicação, na busca de conhecimento e de um futuro melhor.

O que dizer dos amigos, aqueles com os quais vivi grandes momentos, que me deram força, choramos juntos, bebemos e brigamos? Com vocês fiz muitas loucuras, paguei os maiores micos e tive os melhores momentos. Obrigada pela paciência, pelo sorriso, pelo abraço, pela mão estendida, pelos trabalhos em grupo. A caminhada e a vitória não seriam a mesma sem a participação de vocês. Foi bom estar com vocês, que tanto contribuíram para a conclusão deste sonho e para a Débora que sou hoje. Obrigada a todos. Não citarei nomes para não correr o risco de pecar com alguns.

“O ancião merece respeito não pelos cabelos brancos ou pela idade, mas pelas tarefas e empenhos, trabalhos e suores do caminho já percorrido na vida” (Rabi Yaacov Ben Shimon).

RESUMO

A revelação de fatos e situações em diferentes momentos e circunstâncias, incluindo a trajetória educacional da vida do idoso asilado são fatores que contribuem para reflexões acerca de sua exclusão social. Considerando esta assertiva tivemos como objetivo principal compreender as memórias, os processos de escolarização, os sonhos e os anseios dos idosos que moram no Asilo Santo Agostinho, localizado no município de Paranaíba-MS. Como recorte cronológico escolhemos o período de 1976, o ano de criação do asilo e 1925 por ser a data de nascimento do meu entrevistado. Sendo assim, a metodologia do trabalho se deu a partir de revisão bibliográfica e coleta de fonte oral por meio de entrevistas e questionário semiestruturado. Os procedimentos articulados entre si, para registrar os depoimentos, podem contribuir para que a nossa sociedade reflita sobre os idosos e a velhice em Paranaíba. Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se as contribuições de Ecléa Bosi (1994), Costa (1998) e outros estudiosos. Como resultado, foi possível uma reflexão sobre os fatos revelados na voz de seus protagonistas acerca dos acontecimentos relacionados como a falta de atenção, carinho, descaso e pressão psicológica, que são algumas situações que passam despercebidas no dia-a-dia dos idosos asilados. A partir do momento que esses sujeitos da pesquisa ficam excluídos da sociedade, estes que possuem conhecimentos produzidos no processo de leitura do mundo, espera-se que esses idosos falem um pouco de si e assim, possam contribuir e esclarecer para situações que os levaram até essa Instituição. Ao ser internado o idoso se afasta do mundo ao qual ele vivia um processo de constante adaptação, isso trás um isolamento fazendo com que ele caia na rotina e se recuse a interagir e socializar com seus novos colegas ou mesmo com sua nova família. A pouca escolarização e os agravos de saúde por conta da idade avançada acabam por reforçar a exclusão da sociedade, em especial de seus familiares que geralmente lhes negam o direito de envelhecer cercado do carinho da família e de amigos, pois o envelhecer é um processo natural da vida.

Palavras-chave: Escolarização. Idosos. História de vida.

ABSTRACT

The revelation of facts and situations in different moments and situations, including educational history, the life of the housed elderly, are factors contributing to reflections on their social exclusion. Considering the assertive that had the main goal of understand the memories, educational process, dreams and yearning of seniors that live on Santo Agostinho Asylum, located on the county of Paranaíba-MS. As chronological cut, chose the period of 1976, the year of foundation of the asylum, and 1925, the birthday of my interviewed. Therefore, the work methodology took place starting from a bibliographic review and oral source collection by interviews and semi structured questionnaire. The articulated procedures themselves, to register the testimonials, can contribute to our society to meditate about the senescence in Paranaíba. To the development of the research was used the contributions of Ecléa Bosi, Costa and other scholars. As effect, was possible one reflection about facts revealed in the voice of your actors about the related events such as lack of attention, affection, neglect and psychological pressure, that are some situations that go unnoticed on day by day of the housed elderly. From the moment that these research subjects were excluded from the society, those who have knowledge produced in the reading process of world, expects these seniors talks a little about yourselves, and them thus contribute and clarify for situations that brought them to this Institution. When internee, the senior gets away to the world that he lives a process of constant adaptation, that brings a seclusion making that he falls into the routine and refuses to interact and socialize with your new friends or even your new family. The low schooling and health disorders by the advanced age eventually strengthen the exclusion from society, in special of your relatives that many times deny your rights of get old fenced by the family and friends attention, because getting old is a natural process of life. that's important to emphasize, which how many times are necessary that the senior can contribute to the society, considering your life experiences.

keywords: schooling. seniors. life's history.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: casa de madeira que deu início ao asilo.....	25
Figura 2: construção do asilo.....	26
Figura 3: construção do asilo.....	26
Figura 4: interior do asilo.....	27
Figura 5: baile junino.....	28
Figura 6: bailão.....	29
Figura 7: barraca do pastelão.....	29
Figura 8: Sr. Joaquim.....	40
Figura 9: Sr. Joaquim.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 IDOSOS PERSONAGENS ESQUECIDOS.....	12
1.1 Lembrança de um passado	12
1.2 Adaptação na instituição.....	13
1.3 História oral: suas contribuições.....	15
1.4 Técnica de entrevista.....	18
2 HISTÓRIA DE VIDA.....	20
2.1 Envelhecimento.....	20
2.2 A Realidade dos Asilos	22
2.3 Asilo de Paranaíba.....	25
3 HISTÓRIA DE VIDA: VOZES DOS ESQUECIDOS.....	31
3.1 Registro dos asilados: um reencontro como passado.....	32
3.2 Memórias do Sr. Joaquim	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERENCIAS.....	47
ANEXO 1: Carta de solicitação.....	49
ANEXO 2: Termo de cessão gratuita.....	50

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema de pesquisa surgiu a partir de um diálogo informal com o orientado, diálogo este que nos fez refletir sobre a importância da ressignificação de histórias de personagens “esquecidos” pela sociedade. Desenvolver este estudo é uma forma de contribuir para a construção de mecanismos da história de gente comum e de conscientizar as novas gerações sobre a importância, cultural e singular de pessoas experientes e, motivadas em transmitir seus conhecimentos práticos sobre a vida, fundamentados na sabedoria popular. A esse respeito Costa (1998, p. 17), afirma que “respeitar os costumes das gerações passadas é respeitar a si mesmo, saber que um dia farão parte desse grupo”.

O ser humano está vivendo mais em grande parte do mundo, o que resulta em um número maior de idosos com doenças e afeta o modo de vida dos seres humanos. Com esses problemas a população terá que se adaptar a nova realidade e efetuar mudanças na sua rotina. A realidade socioeconômica atual faz com que as famílias enfrentem novos desafios, principalmente para cuidar de seus idosos. É notório o grande número de famílias que terceirizam os cuidados com os membros mais velhos, deixando estes em instituição asilar.

Surge então questões como: O que fazer com os idosos frente as dificuldades enfrentadas pelas famílias? Como aproveitar sua experiência e seu conhecimento? Como preservar sua memória? Considerando estas indagações é que buscamos compreender as memórias, o processo de escolarização, os sonhos e os anseios dos idosos que moram no asilo Santo Agostinho no município de Paranaíba (MS).

Realizamos pesquisa no Banco de Teses da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) e do Scielo, com os títulos “história oral de idosos em Paranaíba”, “memória de idosos em Paranaíba”, “idosos asilados em Paranaíba”, verificamos que não havia nenhum trabalho publicado com o tema. Apenas um trabalhos foi encontrado na Universidade Estadual Mato Grosso Sul (UEMS) com o título O IDOSO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: memória e letramento, mas com referencial teórico e metodologia diferenciados da minha pesquisa.

Para desenvolver a pesquisa utilizamos a metodologia da história oral, com a atenção voltada para grupos excluídos da sociedade antes vistos como sujeitos sem história, homens e mulheres que tinham suas histórias silenciadas. A partir desse

método suas experiências, anseios e sonhos são ouvidos, suas histórias passam a fazer parte da história, permitindo agora os registros e relatos de grupos ainda maiores, não privilegiando apenas um grupo elitizado. A partir do momento que ouvimos esses sujeitos excluídos da sociedade, observamos que possuem conhecimentos, produzindo um processo de leitura de mundo, capaz de proporcionar reflexões sobre eles mesmos e das situações que os levaram a viverem no asilo.

Procuramos descrever o cenário histórico de criação do asilo: 1976. Para detalhar o recorte cronológico da pesquisa escolhemos 1925, que é o ano em que o sujeito, Senhor Joaquim Carvalho dos Santos, nasceu.

Ao ler/ouvir os relatos dos idosos, torna - se evidente quem são e quem foram esses sujeitos e que contribuições nos trouxeram. Fazer reviver memórias nos idosos envolvidos contribuirá, fortemente, para a construção da história da educação, nos fazendo meditar sobre aspectos sociais, e até mesmo, ousadamente, sobre aspectos pedagógicos, que vigoravam há tempos atrás e que agora estão em desuso. E isto nos permite reflexões e, por consequência, melhores ações. As memórias compartilhadas nos possibilita refletir sobre o cenário histórico temporal em que viviam conhecimentos estes, que nos trazem a leitura do mundo que nos cercam.

Desta forma, o primeiro capítulo relata as memórias e a vida dos idosos que necessitam viver em asilos, pontuando como a vida deles se desenrola. Finalizamos expondo a importância da oralidade e sobre a técnica de entrevistas.

No segundo capítulo expôs-se sobre as circunstâncias do envelhecimento e da vida nos asilo, quando procuramos descrever o cenário histórico do Asilo Santo Agostinho.

No, no terceiro capítulo pontuamos os registros sobre a história de vidas de idosos atendidos no asilo Santo Agostinho.

1 IDOSOS: PERSONAGENS ESQUECIDOS

1.1 Lembranças de um passado

No período da velhice muitos direitos são violados, há carências afetivas, saudades de familiares, às vezes desrespeito pela velhice. A maioria dos idosos se afastam do mundo no qual viviam, deixam para trás boa parte de sua história, alguns caem na rotina da instituição, na solidão e sentem dificuldades em adaptar-se e socializar-se com o novo grupo em que foram inseridos. Com efeito para Bossi (1994,p.39)

Quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis. Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre é uma tarefa, uma paciente reconstituição. Há no sujeito plena consciência de que está realizando uma tarefa.

Muitos idosos não se beneficiam dos direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso No art. 10, da Lei Nº 10.741 de 01/10/2003. diz que

É obrigação do Estado e da sociedade, assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na constituição e nas leis. 1º O direito à liberdade compreende, entre outros, os seguintes aspectos: I - faculdade de ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários ressalvadas as restrições legais; II - opinião e expressão; III - Crença e culto religioso; IV - práticas de esportes e diversões; V - participação na vida política, na forma da lei; VII - faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação. 2º O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos aspectos e dos objetivos pessoais. 3º É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento, violento, aterrorizante, vexatório constrangedor. (BRASIL)

Quando muitos desses direitos não são assegurados, percebe-se que nada do que está escrito vigora. Os idosos gritam por socorro quando neste momento deveriam ter uma vida tranquila e digna.

Nesse sentido, os diferentes momentos e circunstâncias da vida do idoso asilado contribuem para compreensão do quadro de sua exclusão social. A esse respeito Bossi (1994) traz alguns questionamentos? Para que servem os velhos, quando nesta fase ele caminham para o término de sua ação no mundo? A autora traz em sua obra histórias

de personagens homens e mulheres que contribuíram para sociedade e hoje não são mais ativos, tendo como função apenas lembrar e contar às gerações mais jovens os grandes feitos, o que eles foram e fizeram durante a vida, quando restam apenas as lembranças.

Há um momento em que o homem maduro deixa de um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar: A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p.63)

Bosi (1994) ainda nos elucida sobre

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, ou trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-los. (BOSI, 1994, p.68)

Quando ativamos as lembranças dos envolvidos na pesquisa evidenciam -se momentos de alegrias e também tristezas, pois os entrevistados trazem à tona trajetória de vida nas quais não foram felizes, que pode acarretar em algum sofrimento momentâneo. Por isto, conduzimos nossas conversas sempre para o lado menos sofredor, deixando florescer as alegrias e dando um destaque diferente para alguns aspectos desgostosos.

A memória da infância e escolarização faz renascer a identidade do idoso porque oferece lembranças familiares, de lugares que construíram sua identidade. Identidade esta que muitas vezes, se perde quando o idoso esta asilado. Esses idosos são considerados vulneráveis e frágeis em razão da idade, sua aprendizagem e memória cada dia torna-se mais lenta e comprometida, tornando-se desmotivado pelos problemas de saúde. Suas capacidades corporais e suas condições mentais deixa-os cada vez mais excluídos da sociedade.

1.2 A Adaptação na instituição

Quando o idoso chega à instituição asilar ele se afasta, ou mesmo se isola do mundo ao qual vivia, deixando para traz toda sua história. É como se fosse um novo recomeço, que em muitos casos, se reinicia pela dor: a dor da rejeição familiar, a dor pelo descaso do amor fraternal, a dor de deixar seus pertences materiais e sociais. É

perceptível que alguns idosos ficam aos cuidados exclusivamente daqueles que trabalham no asilo, sem interferência nenhuma de seus familiares. As visitas recebidas são de pessoas da sociedade. Isto para o idoso é uma forma de exclusão, é uma negação do contato com seus entes queridos.

Ao chegar ao estabelecimento asilar os idosos se deparam com outra realidade. Ali começam a trocar experiências com seus novos cuidadores, e com os outros asilados. Estes abrigos atendam os idosos quanto às necessidades de locomoção, higiene, alimentação e acompanhamento médico, no entanto, há o inconveniente de afastar o idoso de seu convívio familiar, pois estas instituições não encaixam em suas rotinas momentos em que os familiares são “obrigados” a participar de algumas atividades com seus idosos.

Pois, se faz claro, que estes familiares, em sua maioria, além de não quererem e/ou poderem oferecer cuidados, corporal e mental, aos seus idosos, os mesmos, quando decidem asilar, acabam, por descuido ou não interesse, por abandonar seus idosos e os relegarem ao mundo da exclusão familiar e social.

De acordo com Goffman (1961) a família é o meio natural de inter-relação do ser humano como ser presente e ativo na sociedade. Quando há ausência ou quebra dessa convivência, o idoso sente-se escondido, desvalorizado, excluído. A presença familiar dentro das instituições totais é a forma do idoso se sentir parte (mesmo que parte inferior) social relevante. O elo familiar pode ser uma solução para evitar o sentimento de abandono, mas não exclui que esse sentimento exista.

Estar na instituição para uma minoria de idosos, é conforto e calma, pois antes de ali chegarem suas condições de vida eram precárias, como o descaso da família, o exílio em lugares de risco e a falta de cuidados físicos ou mental. No entanto, a maioria chega à instituição com o sentimento de rejeição, ou seja, às vezes tenta estar entre seus familiares, mas por motivos diversos e peculiares acabam por terem que “aceitar” a ir viver no asilo.

Este fato explica a grande incidência de depressão entre os acolhidos. O sentimento de solidão e a limitação das possibilidades de uma vida ativa faz com que estes idosos percam a alegria de viver. Alguns se isolam dentro de si mesmo, não gostam de conversar ou de reviver suas histórias, pois ressuscitam lembranças de momentos felizes, estes que não existem mais.

1.3 História Oral: Suas contribuições

Utilizamos a oralidade para tecer os dados deste trabalho. A esse respeito faz – se esclarecimentos acerca do uso da oralidade como método de pesquisa e suas contribuições.

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17).

O ser humano é capaz de lembrar aquilo que para ele é significativo, ele pode lembrar e ao mesmo tempo imaginar situações vividas, portanto ele direciona suas lembranças. A história oral possibilita uma reflexão sobre fatos relatados na voz de seus protagonistas, esse método possibilita uma interpretação do imaginário diante das análises.

A sociedade contemporânea oferece uma relevante quantidade de trabalhos que se utilizam da história oral como instrumentos de pesquisa. Mas, ainda encontram-se dificuldades em transcrever as particularidades dessa metodologia. Fazer reviver lembranças nos envolvidos faz com que este sujeito passa a ser testemunha de fatos antigos, que podem ser considerados temas atuais.

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisa sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevista pessoas que dele participam, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consultas para pesquisas sobre temas não contemporâneos (ALBERTI, 1998, p.4).

É preciso cuidado, responsabilidade e compreensão ao transcrever e analisar um depoimento. Deve-se perceber o que o entrevistado ou a testemunha quer expressar, ou o que ele quer dizer, e quais os motivos para o que relatou. E para que isso aconteça é necessário embasamento teórico, que proporcione informação e segurança para compreender o que o sujeito quer expressar. E pela história oral que poderemos possibilitar e ampliar os conhecimentos entre a história vivida e seu passado conhecendo a trajetória, anseios e sentimentos dos idosos que foram escolhidos para serem ouvidos. Nas últimas décadas a história oral tem sido uma das metodologias de pesquisas mais utilizadas. A constituição de fontes, documentos e até mesmo

considerando as pessoas como fontes para que se possa compreender o processo de construção do conhecimento sobre o passado. Ela consiste em não só privilegiar a história de homens que tiveram grandes feitos, mas uma estratégia de ouvir experiências e ampliar o conhecimento daqueles sujeitos que ao longo da história deixaram marcas resistentes ao tempo. Graças a estas marcas, outros homens conseguem evidenciar suas histórias utilizando-se da História Oral, estes sujeitos que em algum momento construíram sua história na sociedade. Segundo Alberti (ALBERTI, 2011, p.157)

Foi à fase conhecida como da História oral “militante”, praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para “dar voz” às minorias e possibilitar a existência de uma História “vinda de baixo”.

Com a metodologia da história oral a atenção volta para os grupos excluídos da sociedade, antes vistos como sujeitos sem história, homens e mulheres que tinham suas histórias silenciadas. Com esse método suas experiências, anseios e sonhos são ouvidos, suas histórias passam a fazer de um conhecimento coletivo permitindo agora os registros e relatos de grupos ainda maiores, não privilegiando apenas um grupo elitizado; cada um tem sua história e ela deve ser contada.

Quando trabalhamos com história de vida não podemos ultrapassar o espaço do outro sem sua permissão, afinal somos aquilo que escrevemos. A História Oral é um método de pesquisa que se utiliza de técnicas da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas das experiências humana. Nevis (1985) concebe o termo “moderna história oral” devido ao uso atual de recursos eletrônicos; a história oral é uma técnica e fontes, por meio das quais se produz conhecimentos relevantes.

Esta metodologia teve um avanço muito grande dando, a possibilidade de registrar a vivência de alguns grupos que de certa forma não seriam lembradas ou mesmo estudados. Sendo assim, representa um avanço para as ciências humanas.

A história oral é um grande desafio na formação de pesquisadores que estão na busca de novas teorias e como ela é importante para resgatar e fortalecer a nossa cultura com suas ações e atitude o homem.

O seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade. (Alberti 2001, p.158).

Atualmente já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico. A uma diversidade muito grande e a compreensão desses valores, e de seus atos, é de acordo com o que aconteceu no passado, é que serão determinadas as novas decisões do presente. O uso da memória é essencial para a construção do homem, não só para a construção da sua identidade, mas todo o caminho que esta memória é construída e reconstruída.

Nesses casos, a entrevista de História Oral não é tomada como fonte a ser analisada pelo pesquisador, mas como parte de um processo de “conscientização” e de construção de identidade. Assim a História Oral abre espaço para novos objetos de pesquisas como cita (Alberti 2011, p.163)

Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade – temas que, quando investigados no “tempo presente”, podem ser abordados por meio de entrevistas de História oral.

A entrevista da História Oral trata-se da comunicação entre entrevistador e o entrevistado, quando em bate papo descontraído o entrevistado narra suas experiências, devendo se tratar o sujeito como único e singular, o pesquisador deve ter a consciência de que esta fonte diante da entrevista irá reforçar seus valores, é a história do tempo presente. A produção do trabalho com fontes orais possui três momentos necessários, que são a preparação das entrevistas, a realização e o tratamento.

A história oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido e formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas sociais. (ALBERTI 2011, p.164)

Desta forma traz a história para dentro dos grupos para que assim possamos fazer uma reflexão, acerca daqueles que querem ser ouvidos, explorar sobre determinada realidade, conhecer os processos históricos e padrões sociais e culturais desses sujeitos e não somente resgatar suas memórias, mas despertar para o processo de conscientização.

A história oral possibilita ouvir as experiências dos sujeitos, seja individual ou coletivamente, dando a oportunidade de elaborar estratégias e experiência, além de promover um aprendizado, possibilitando o estudo das mais variadas memórias.

Essa riqueza da História Oral está evidentemente relacionada ao fato dela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Como na definição do “bom entrevistador de Aspásia Camargo”.

Aquele que, por sua percepção aguda de sua própria experiência, ou pela importância das funções que exerceu, pode oferecer mais do que o simples relato de acontecimentos, estendendo-se sobre impressões de época, comportamentos de pessoas ou grupos, funcionamentos de instituições e, num sentido mais abstrato, sobre dogmas, conflitos, formas de cooperação e solidariedade grupal, de transação, situação de impacto etc. Tais relatos transcendem o âmbito da experiência individual, e expressam a cultura de um povo, país ou Nação, chegando, a partir de categorias cada vez mais abrangentes - por que não? - ao denominador comum à espécie humana (CAMARGO, 1976 p.173).

Há uma diversidade muito grande e a compreensão desses valores e de seus atos, é de acordo com o que aconteceu no passado, determinado as novas decisões do presente. A memória é essencial para a construção do homem e de sua identidade.

1.4 Técnica de entrevista

Neste trabalho damos destaque para a importância das memórias, destacando as entrevistas, estas que acontecem em um momento que se dá liberdade e autonomia ao entrevistado, partindo de perguntas semiestruturadas. A relação entre entrevistador e entrevistado se faz por meio de indagações e o saber ouvir.

Neste momento é necessário que se dê tempo para o entrevistado para que ele possa concluir suas ideias e seu raciocínio. Antes de lançar outra pergunta deve ser paciente, e se possível fazer as anotações que forem relevantes no caderno de campo.

Conduzir uma entrevista não é uma tarefa fácil. É preciso estar permanentemente atento ao que diz o entrevistado, às indicações do roteiro, às oportunidades de formular perguntas e ao funcionamento do gravador ou da câmera. Convém fazer anotações durante a entrevista; por exemplo, de nomes próprios mencionados, questões suscitadas, ou circunstâncias que interferiram na gravação. (ALBERTI 1990 p.179)

Por conseguinte, o trabalho apresentará as entrevistas transcritas em sua originalidade. Dando voz aos seus sujeitos principais. Este material disponibilizado em forma de entrevista ou vídeo são documentos que serão transcritos e corrigidos, para que possam ser consultados.

As tarefas envolvidas nessa passagem da entrevista para a forma escrita são penosas e requerem dedicação, paciência e sensibilidade. É no momento de realiza-las que percebemos o quanto é importante cuidar da qualidade da gravação de um depoimento, não só no que diz respeito ao equipamento e às condições que oferece o local de gravação, de palavras ou frases pronunciadas com pouca clareza. (ALBERTI 1990 p.181)

Esse entrevistado deve estar na condição de falar suas experiências, deve se discutir que sujeito será entrevistado e quantos serão, e relatar sua biografia e assim justificar o tema escolhido. O roteiro não é engessado podendo surgir alterações diante das informações das fontes.

Após este processo do roteiro geral, o segundo passo é a preparação individual da entrevista. No primeiro momento o contato com o sujeito entrevistado, a sua história de vida, ou seja, sua biografia e assim um roteiro individual com estas propostas garante a realização da entrevista, dando segurança ao entrevistador.

A preparação de entrevistas de História Oral inclui, pois, uma pesquisa exaustiva sobre o tema e sobre a vida dos entrevistados, a sistematização dos dados levantados e a definição clara dos problemas que se está buscando responder com a pesquisa. Essa preparação dá ao entrevistador segurança no momento de realização da entrevista, pois ele saberá bem o que e como perguntar, e poderá reconhecer respostas insatisfatórias e identificar “ganchos” relevantes para a formulação de novas perguntas.

Analisar qual a proposta do entrevistador e quais suas expectativas e os resultados, o pesquisador deve adquirir conceitos quanto à produção do trabalho e preocupar com a narrativa do sujeito entrevistado..

Para o idoso, o falar, o compartilhar de suas histórias são atos de grande valia para sua fortificação como ser humano. É a participação ativa deles junto aos seus semelhantes. E este ato de lembrar, de contar, de expor suas experiências frequentemente não são valorizadas dentro do abrigo. Os idosos ficam relegados a uma espécie de isolamento. Por esses motivos, a institucionalização dos cuidados com idosos deve ser considerada como a última alternativa decisiva da família.

Ao ler as entrevistas é possível uma interpretação direcionada aos aspectos da escolarização e infância dos idosos envolvidos. Pontos estes que são as linhas direcionais deste estudo. E é com esta reflexão e discussão que se encerrará este trabalho.

2. HISTÓRIA DE VIDA

2.1 Envelhecimento

Atualmente, vive-se um grande avanço da ciência, que tem possibilitado a cura e o controle de muitos tipos de doenças, proporcionando ao homem tenha um maior tempo de vida.

Segundo Affeldt (2013), em sua dissertação de mestrado, intitulado “O asilo enquanto espaço e lugar: a institucionalização da velhice em Santa Maria-RS”, o envelhecimento da população é um fenômeno global iniciado há muitos anos. Isso se deve a diminuição das taxas de fecundidade e mortalidade, oriunda da modernização da medicina, à criação dos antibióticos, à inserção da mulher no mercado de trabalho. Além das condições de vida da população em geral, que foram melhoradas em muitos aspectos.

O envelhecimento é muito bem vindo, já que estende o tempo de vida de uma parcela importante da população, mas que, por outro lado, apresenta uma série de problemas relacionados à saúde, a qualidade de vida, e a violência que geralmente estão expostos.

Ou seja, o envelhecimento da população mundial revela uma conquista da humanidade, mas também representa “[...] um dos seus grandes desafios, o qual consiste na necessidade de se evidenciarem esforços econômicos e sociais, para a possibilidade de essa população atingir uma longevidade saudável” (AFFELDT, 2013, p. 13).

O envelhecimento da população influencia o consumo, a transferência de capital e propriedades, impostos, pensões, o mercado de trabalho, a saúde e assistência médica, a composição e organização da família. É um processo normal, inevitável, irreversível e não uma doença. Portanto, não deve ser tratado apenas com soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais (MESSORA, 2006, p. 14).

E, para começar, é preciso entender quais são as pessoas que podem ser consideradas idosas. No Brasil, o Estatuto do Idoso (2003), dispõe que “[...] as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos são reconhecidas como idosas”. Entretanto, as concepções de velhice resulta de “[...] uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

No Brasil, a partir da década de sessenta do século passado, se iniciou uma mudança do perfil demográfico, mostrando que se vive cada vez mais. Portanto, indica um fato social novo na história da humanidade, que conduz a novas formas de organização e (re)estruturação da vida dos idosos (AFFELDT, 2013).

Schneider e Irigaray (2008), citam outros fatores ligados ao envelhecimento, como os lapsos de memória, a dificuldade de aprendizado e falhas de atenção, orientação e concentração, que diminuem naturalmente com a idade, mas que são compensadas pelo que adquirem em sabedoria, conhecimento e experiência.

Na verdade, o envelhecimento se constitui em um processo que é comum a todos os seres vivos, quando ocorre uma série de transformações de ordem biológica, social, cultural e econômica, ressalta Affeldt (2013, p. 13-14), para quem “não existe um só envelhecer, e sim vários processos de envelhecimento, e que tem diferenças de gênero, de etnia, de nível social e de cultura”.

No que concordam Schneider e Irigaray (2008, p. 589) quando afirmam que o envelhecimento pode ser entendido como “um processo influenciado por diversos fatores, como gênero, classe social, cultura, padrões de saúde individuais e coletivos da sociedade, entre outros”. Ou seja, são muitos os aspectos que caracterizam a velhice.

Entretanto, envelhecer é um processo natural, se dá de forma gradativa e contínua, começando no nascimento e se prolongando por todas as fases da vida, mesmo que não seja vivenciado de forma simples, por ser carregado de muitos significados e estigmas (AFFELDT 2013).

Entre esses últimos está, de acordo com Schneider e Irigaray (2008), o uso de termos e expressões para se referir às pessoas mais velhas que revelam a existência de preconceitos sociais por parte da sociedade e do próprio indivíduo que também irá envelhecer. O que tem feito com que, cada vez mais, as pessoas que estão envelhecendo não queiram parecer velhas, buscando inúmeras formas de parecer jovens e belos, num culto excessivo à aparência.

Fernandes (2014) destaca que, em muitas famílias, persiste a ideia de que o idoso é praticamente inútil, e não pode e nem tem mais nada a colaborar, tendo de aguardar um futuro de decrepitude e morte, levando-a a acreditar que lhe resta unicamente esperar pacientemente pela perda de memória, saúde, forças físicas, como também pela chegada da solidão e da doença, tornando-se um fardo para os seus familiares e para a sociedade.

Na época contemporânea, florescer do século XXI, ao mesmo tempo em que a sociedade potencializa a longevidade, ela nega aos velhos o seu valor e sua importância social. Vive-se em uma sociedade de consumo na qual apenas o novo pode ser valorizado, caso contrário, não existem produção e acumulação de capital. Nesta dura realidade, o velho passa a ser ultrapassado, descartado, ou já está fora de moda (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Há também muitos preconceitos que não são baseados em estereótipos negativos, mas compassivos, realçando a dependência e a incapacidade dos idosos, requerendo práticas paternalistas e de políticas protecionistas em relação a eles. (AFFELDT 2013).

Contudo, não se pode negar que, com a chegada do envelhecimento, surgem diversas dificuldades físicas, cognitivas e perceptivas. Contribuindo para que, geralmente, vivam uma situação de fragilidade e dependência, fazendo com que necessitem de apoio.

Dentre as alterações que conduzem o idoso à dependência destacam-se aquelas relacionadas ao adoecimento, as quais, por suas características de cronicidade, geram situações que necessitam da presença de outros que a auxiliem por longos períodos. (FERNANDES, 2014). Esse quadro pode levar a outros problemas, como as limitações financeiras para suprir os tratamentos de saúde, o que, por sua vez, influencia para que ocorram muitas desavenças em família, com acusações, cobranças, agressões, e outras situações humilhantes.

Nesse contexto, Affeldt (2013) ressalta que abre-se uma discussão sobre qual seria o melhor local para o idoso morar. Numa casa? Junto aos familiares? Em uma instituição asilar? “Para muitos idosos que estão só ou que necessitam de um local para morar o asilo apresenta-se como o local mais apropriado para o acolhimento e proteção” (AFFELDT 2013, p. 14).

2.2 A realidade dos asilos

A legislação brasileira estabelece que o cuidado dos membros dependentes é responsabilidade das famílias, entretanto, este cuidado tem se tornado cada vez mais escasso. As razões podem estar ligadas a redução da fecundidade, das mudanças na formação das famílias e da participação da mulher, tradicional cuidadora, no mercado de trabalho. O que tem requerido do Estado responsabilidades em relação à população idosa. Uma das alternativas existentes são as instituições asilares, sejam públicas ou privadas (CAMARANO; KANSO, 2010).

Percebe-se, assim, que são muitos os fatores que contribuem para que as pessoas que vivem nos asilos tenham chegado a esta condição. Entre eles podem ser citados o abandono familiar, a necessidade de cuidados específicos, o desejo de se afastar da família, que pode ocorrer devido a maus tratos ou abuso, a perda de contato com parentes, entre outros, como relata Affeldt (2013, p. 14):

As alterações familiares distanciam os idosos de seus entes, sendo comum a perda parcial ou até mesmo total de contato com os mesmos. Estes fatos contribuem para a existência de idosos em instituições asilares. As instituições representam locais de grande importância para a moradia e para os cuidados dos idosos.

O processo que conduz um indivíduo a ser um morador de um asilo, para Affeldt (2013), geralmente se inicia com sua ruptura com a família e a sociedade, que exclui de maneira quase imperceptível do convívio social.

No entendimento de Messora (2006), os idosos que permanecem internados em asilos estão abandonados duplamente, ou seja, tanto pela família, como pela própria instituição onde residem. O que os condena a uma realidade às vezes definida por eles mesmos como um cotidiano onde se "come e dorme", pois em grande parte dessas instituições os idosos são submetidos ao sedentarismo, não se oferecendo atividades que lhes possam permitir uma melhor qualidade de vida.

È evidente que esse aspecto das condições asilares não é uma regra, pois há vários modelos de instituições para idosos: as privadas, as filantrópicas e as mistas.

As privadas pertencem ao grupo de instituições com finalidade lucrativa, e são denominadas de clínicas geriátricas, casas de repouso, colônia ou residencial. As filantrópicas são mantidas geralmente por grupos religiosos e com longo histórico assistencial. As instituições de natureza mista ofertam longa permanência para idosos, com algumas ações de caráter privado e outras públicas, como por exemplo, o oferecimento de leitos para atendimento gratuito, através de convênio com o Estado (AFFELDT 2013, p. 72).

Messora (2006) relata que, na maioria das vezes, os asilos surgem para atender as necessidades sociais da comunidade, sendo que os principais serviços existentes oferecidos a população idosa estaria relacionadas à sua saúde. Já para Camarano e Kanso (2010) sua origem está ligada à população carente que necessitava de abrigo, partindo da caridade cristã o atendimento a esta população, frente a ausência de políticas públicas para a área. “Isso justifica que a carência financeira e a falta de moradia estejam entre os motivos mais importantes para a busca, bem como o fato de a maioria

das instituições brasileiras serem filantrópica (65,2%)” (CAMARANO; KANSO, 2010 p. 233).

O que não se pode negar é o fato dos idosos estarem necessitando cada vez mais das instituições asilares. Nesse sentido, Affeldt (2013) até reconhece que a vida em um asilo pode oferecer acolhimento e possibilidades de expressão da pessoa, mas concorda que “[...] não é o mesmo que viver em uma família, onde os laços do passado e do presente estão vivos e são compartilhados” (AFFELDT, 2013, p. 73). Inclusive, na busca de um atendimento que supra as necessidades do idoso, as instituições tentam oferecer um quadro de recursos humanos que englobe assistência, saúde, alimentação, higiene, repouso e lazer.

É preciso considerar que se trata de uma residência coletiva, cujo atendimento abrange tanto idosos que podem ser considerados independentes, mas que estão em situação de carência de renda e/ou afetiva, como os com dificuldades mais sérias, necessitando de cuidados prolongados. Tanto é que a redução da capacidade física, cognitiva e mental tem requerido que os asilos façam parte não só da rede de assistência social e como também integrem a rede de assistência à saúde, oferecendo, assim, algo mais que um abrigo (CAMARANO; KANSO, 2010).

Outro fato destacado por Affeldt (2013) é que os asilos são heterogêneos, comportando idosos com diferentes características e, portanto, nem sempre são institucionalizados devido ao abandono por parte das famílias, mas por desejarem viver ali, onde sabem que estarão bem cuidados, bem tratados. Entretanto, há fatores complexos envolvidos:

[...] as pessoas que moram dentro de uma instituição asilar observam o tempo e o espaço de uma forma um pouco diferente da sociedade, onde eles percebem o tempo mais devagar, mais lento do que a sociedade está acostumada a vivenciar. Alguns idosos demonstravam alegria e contentamento em estar no ambiente asilar, porém outros indicavam aversão ao espaço, desejando não estar ali (AFFELDT 2013, p. 117).

Até porque, como relata Messora (2006), muitos asilos são casas inapropriadas e inadequadas às necessidades do idoso, não lhes oferecendo sequer os cuidados básicos de higiene e alimentação, além de dificultar as relações interpessoais, favorecendo seu isolamento, mantendo uma inatividade física e mental, com consequências negativas à qualidade de vida.

Entretanto, dado a realidade atual, asilos ainda são necessários, e representam a única forma de amparo e cuidados para muitos idosos, auxiliando os que não mais conseguem ou não podem viver mais sozinhos.

2.3 Asilo de Paranaíba

O Lar dos Idosos está localizado na Rua Plínio Antônio Morais, nº 650, Vila Santo Antônio - Paranaíba – MS. Seu nome fantasia é ASILO SANTO AGOSTINHO e sua Razão Social é OBRA SOCIAL NOSSA SENHORA SANT'ANA.

A data de sua abertura é de 29/09/1976, iniciando suas atividades como uma entidade de caridade da Igreja Católica, sem fins lucrativos.



Fig. 01: casa de madeira que deu início ao asilo (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)

Como pode ser observado na figura acima (fig. 1), seu início se deu com uma casa de madeira simples, ao lado de onde se construiu o asilo, o que deixa claro o grande trabalho que foi necessário para sua construção, como a arrecadação de recursos para sua efetivação.

Nas figuras 2 e 3, a seguir (fig. 2 e 3), pode ser observado que a construção ocupou um espaço amplo desde o começo.



Fig. 2: construção do asilo (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)



Fig. 3: construção do asilo (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)

Não diferente de outras instituições da mesma natureza, o asilo de Paranaíba pode iniciar suas atividades, cumprindo com sua finalidade de caridade cristã e assistência social, acolhendo pessoas idosas, aos quais ofereceu moradia, alimentação, assistência médica e religiosa e atividades recreativas.

Em sua fundação teve como objetivo oferecer aos idosos que necessitavam de amparo, acolhimento e os cuidados básicos, além da oportunidade de participarem de atividades produtivas, que os fizessem se sentirem de alguma forma úteis e que também contribuíssem para o seu desenvolvimento cultural e intelectual.



Fig. 4: interior do asilo (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho).

No dia 24 de Julho de 2015, às 10h15min, iniciei a primeira visita, sendo que as impressões obtidas trouxeram grande relevância a esta pesquisa. Previamente agendada pela instituição, neste primeiro momento a visita pautou-se em observações, com duração de 02 horas. Houve uma conversa bem descontraída com o administrador da instituição, Laerte Nunes Dias, que expôs o cenário atual do Lar dos idosos de Paranaíba (fig. 4).

Foi possível conhecer todo espaço, sua rotina e os protagonistas das memórias que são tema deste trabalho, senhores e senhoras muito simpáticos e receptivos. Nem todos estão saudáveis, há alguns acamados, com vulnerabilidades maiores, dependendo de cuidados especiais.

A visita começou pela administração, um escritório que foi construído recentemente, onde são realizadas as atividades administrativas. Nesse local funciona também um sistema de um monitoramento por câmeras, para que se tenha conhecimento constante sobre tudo que está acontecendo nos espaços coletivos da instituição, são para a segurança dos idosos, não atingindo sua privacidade.

Está sendo implantado atualmente um sistema de informação digital, com objetivo de assegurar as informações dos usuários da instituição.

O espaço ocupado pela instituição é subdividido em refeitório, cozinha, lavanderia, farmácia, sala de recepção, sala de fisioterapia, 3 enfermarias, alas

masculina (com 30 quartos) e femininas (com 25 quartos). Estas últimas apresentam pouca iluminação e ventilação, e não há armários para guardar os pertences, porém, percebe-se claramente que é bem cuidado e higienizado.

Há também um jardim de inverno, onde fica uma imagem religiosa, e um amplo espaço externo todo arborizado, onde os idosos passam momentos agradáveis.

Não há uma sala destinada ao acervo histórico do asilo, tudo que tem está guardado em caixas numa sala, com várias outros materiais. Nota-se que falta espaço e funcionários que pudessem se dedicar a ter um maior cuidado com essas memórias, com uma forma de estabelecer uma relação entre o passado e o presente.

Atualmente são acolhidos 44 idosos, sendo 19 mulheres e 25 homens. O atendimento oferecido aos idosos é humanizado e conta com duas enfermeiras que atendem na parte da manhã, e outra que atende no período da tarde. Uma vez por mês, há a visita de um médico, para o acompanhamento da condição de saúde de todos os internos. Nos casos de emergência os idosos são conduzidos ao hospital com veículo próprio da entidade.

Há um fisioterapeuta, que trabalha numa sala com equipamentos apropriados, que atendem os idosos em suas necessidades fisioterápicas. E uma nutricionista para cuidar de toda alimentação servida no asilo, que atende as necessidades específicas dos idosos, quando é o caso.

Quanto às atividades diárias, não há muita ocupação. Muitos ajudam de forma voluntária na cozinha e na limpeza, e é oferecida uma oficina de artesanato, onde fazem tapetes de crochê. Uma vez por mês tem um baile (fig. 5 e 6) e são comemorados os aniversariantes do mês



Fig. 5: baile junino (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)



Fig. 6: Bailão(Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)

Os idosos internos também ajudam a separar roupas ganhas para a organização de um bazar da pechincha, realizado uma vez por mês na própria instituição. Este bazar contribui para angariar recursos para a manutenção do asilo. Os demais recursos são provenientes da barraca do pastelão (fig. 7), montada anualmente na Exposição Agropecuária de Paranaíba, das aposentadorias dos internos, de doações da comunidade, de repasses por parte do governo municipal, estadual e federal. Parece muito, mas é insuficiente, fazendo com que, geralmente, a instituição trabalhe com déficits mensais, necessitando de ações da comunidade para por as contas em dia.



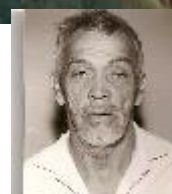
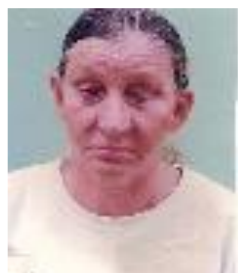
Fig. 7: na barraca do pastelão (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)

Outra dificuldade citada por Laerte diz respeito ao acompanhamento dos familiares. Muitos abandonam os idosos e não voltam para fazer visitas, sem se importarem se necessitam da presença, da atenção e do carinho.

Percebe-se, por meio dos relatos de alguns idosos, que estão satisfeitos morando no asilo, se sentem bem cuidados, como se estivessem em casa. Um fato espantoso é que muitos se casam dentro da instituição.

O trabalho desenvolvido pelo Asilo Santo Agostinho, OBRA SOCIAL NOSSA SENHORA SANT'ANA, é de grande relevância para a sociedade Paranaibense e região. A dedicação ultrapassa os limites e as dificuldades de lidar com o pouco que se tem. Apesar das limitações econômicas, percebe-se o compromisso com o trabalho ali desenvolvido por parte de todos os envolvidos. É visível a dedicação, o cuidado e o carinho para com os idosos que a entidade acolhe.

3. HISTÓRIAS DE VIDA: Vozes dos Esquecidos



3.1 Registro de asilados: um reencontro com o passado

Neste capítulo serão abordadas as lembranças dos idosos internos no Lar Santo Agostinho. O que se deu por meio de registros da história oral e depoimentos gravados e transcritos do Sr. Joaquim, de 85 anos, sobre sua história, infância, escola.

Quanto aos demais registros, utilizou-se como delimitador os internos nascidos nos anos 1930 e 1940, sendo transposto o relatório efetuado pelo asilo para seu controle interno. Este relatório é preenchido no momento da internação.

3.1.1 Benedito Jesuino Diogo

Nasceu em 17 de janeiro de 1932, em Paranaíba – MS, tendo como pais Jerônimo Jesuino Ferreira e Ana Cândida de Jesus. Atualmente faz parte do BPC.

Entrou no asilo em 20 de setembro de 2004, apresentado por Adevaír Candido de Oliveira, fone 36680963. Tem sequelas de AVC, transtorno mental e é cadeirante. Fica o dia inteiro do mesmo jeito. Não sabe ler, nem ouve rádio ou assiste TV.

Com relação a seu relacionamento familiar, apenas um sobrinho vem visitá-lo.

3.1.2 Abadia Alves Ferreira

Nasceu em 18 de abril de 1938, em Itarumã – GO, com Filiação de José Alves Ferreira e Flaurinda Cândida Henrique. Fez parte do BPC.

Entrou no asilo em 17 de maio 1984. Ela é deficiente mental / surda e muda. Gosta de andar com bonecas debaixo do braço e quando pega seus pertences, ela chora. A dona Iaponira me falou que a mãe do interno Marcolino é irmã da Abadia, isso quer dizer que Abadia é tia do Marcolino. E diz que ela tem um filho. (Abadia)

Não sabe ler e não gosta de ouvir rádio ou ver televisão. Também não apresenta interesse em particular por qualquer atividade.

Em seu relacionamento familiar há um histórico de violência (maus tratos físicos, psicológicos, sexuais).

Devido seus problemas de saúde, faz uso de medicamentos controlados, adquiridos no Posto de Saúde, sendo que a medicação de alto custo, é fornecido pelo Estado. Não tem contato com familiares.

3.1.3 Eurides Marques de Lima (Paraguaia)

Nasceu em 12 de novembro de 1938, em Rio Brillhante – MS. Seus pais foram Gentil Marques e Maria Madalena Ferreira Lima.

Entrou no asilo em 13/02/92. Ela era prostituta, vivia no mundo, sofreu acidente e veio se tratar em Paranaíba, como não localizaram nenhum familiar, veio para o asilo, pois não tinha para onde ir.

É uma pessoa boa para conversar, mas é mandona (adora mandar em alguns internos). Tem deficiência nas pernas, causado por acidente.

Tem vontade de morar em Campo Grande – MS, pois já ficou no asilo de lá. Também estava no Cetremi (Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante) em Campo Grande e foi para o asilo de Campo Grande e depois para Paranaíba

Sabe ler e escrever e gosta de ouvir rádio ou ver TV. Estudou até o 2º grau e não tem nenhum contato com familiares. Com relação à Saúde, tem deficiência nas pernas, causado por acidente.

3.1.4 Flora Francisca de Freitas

Nasceu em 19 de março de 1932 em Paranaíba – MS, filho de Francisco Fernandes Lopes e Isolina Francisca de Freitas. Possuía BPC.

Entrou no asilo em 04 de novembro de 1996 através da Assistência Social. Vivia sozinha numa casa de péssima qualidade, mal se alimentava, os vizinhos denunciaram para A. S (Cleuza) e ela encaminhou para o asilo.

Ela tem transtorno mental, vive estressada (bate, xinga os outros), agressiva com os internos. Não sabe ler. Não tem visita de familiares, somente de amigos.

3.1.5 Geralda Pereira da Silva

Nasceu em 05 de novembro de 1936, em Campo Floridos – MG. Filha de Horácio Gregório Mariano e Josefa Maria de Jesus. É aposentada.

Entrou no asilo em 08/05/02, apresentado por Guilherme (irmão). Ela nunca foi casada e nem teve filhos. Tem mal de Parkinson e anã (def. física). Ela é super vaidosa, adora se arrumar e se maquiar. Não sabe ler. Gosta de assistir TV. De vez em quando

vem alguém visitá-la. Ela tem três irmãos: Guilherme, Brasileiro e Bolívário (Inocência).

3.1.6 Ieponilia Correa de Castro (reside ainda no lar)

Nasceu em 03 de maio de 1932, em Areias, MG. Filha de Lauriston Luiz de Castro e Francisca Correa de Andrade. Aposentada.

Entrou no asilo em 22 de Janeiro de 2001, apresentada por Ivone Correa (irmã). End: Santa Rita de Cássia nº 200. Ela teve AVC, e perdeu os movimentos das pernas, devido Sequelas de AVC Também apresentou Câncer de pele.

. É uma pessoa educada, gosta de conversar, veio para o asilo por vontade própria, seus familiares são pessoas de bom poder aquisitivo. Gosta de Ouvir rádio e ver TV. Sempre a irmã vem visitá-la.

3.1.7 João Baptista (Ceguinho) (reside ainda no lar)

Nasceu em 23 de julho de 1932, em Analândia, SP. Filho de Jesuíno Antonio Baptista e Jorgina Porfirio de Lima. Tinha BPC.

Entrou no asilo em 28 de dezembro de 1994. Ele tem deficiência visual e auditiva. Gosta de ficar deitado nos murinhos, ouvindo som, com volume no último e sabe tudo que se passa no rádio sobre esporte. Ouve rádio e assiste TV.

Não tem nenhum contato com familiares.

3.1.8 Júlio Samari da Rocha (casado com Luiza Lemos da Rocha)

Nasceu em 21 de maio de 1938, em Itaperuna – RJ. Filho de José Rocha Filho e Zélia Samari da Rocha. Tinha BPC.

Entrou no asilo em 11 de setembro de 1991, apresentado por Moacir Gomes da Silva (Rua: Valdomiro Batista Leite nº 97) Costa Rica - MS. Em sua certidão de casamento (09/09/65) diz que era lavrador, e que residia e domiciliava no município de Moreira Sales – PR.

Ele tem transtorno mental (conversa sozinho), deve ter acontecido algum fato em sua vida que causou esses sintomas. Nunca recebeu visita, gosta de andar com um

saco nas costas e fuma em excesso. Tem apelido de irmão. Tem prazer em ver TV e gosta de cuidar de uma rosa que ele tem em sua imaginação.

3.1.9 Luiz Francisco da Silva (Bahiano)

Nasceu em 10 de abril de 1936, em Pesqueira – PE. Filiação: Inacia da Conceição. Possui BPC.

Entrou no asilo em 01 de agosto de 2003 apresentado por Maria do Carmo P. Silva Freitas (R. Theodulo M. Malheiros 1540) Santo Antonio. Ele sempre trabalhou nas fazendas, não tinha para onde ir. Ele fala que gosta muito de morar no asilo. É analfabeto. Gosta de ouvir rádio e assistir TV. Não tem contato com familiares. Apresenta dificuldade de gesticular.

3.1.10 Manoel Machado Flozinho de Souza

Nasceu em 03 de Julho de 1933, em Paranaíba – MS. Filho de Josina Osimara de Souza. Possui BPC.

Entrou no asilo em 09 de agosto de 1992, apresentado por Dr. Munir Garcia (Santa Casa). Ele tem mal de Parkinson, é diabético, cardiopata e hipertenso, com histórico de infarto. Não sabe ler. Ouve rádio e assiste TV. Não tem contato com familiares.

3.1.11 Alice Gonçalves da Silva

Nasceu em 28 de junho de 1940, em Palestina, SP. Filiação: Antonio Gonçalves da Silva e Altina Rita Gonçalves. Tem BPC.

Casou-se com 16 anos de idade, ficou viúva e depois disso, ficava perambulando pelas cidades com amigas, era alcoólatra, e garota de programa. Acho que por isso que a família a abandonou.

Tem dia que ela fala que está cansada do lugar que vive, mas ao mesmo tempo diz que já aproveitou muito a vida. Tem transtorno depressivo e dificuldade de gesticular devido AVC (derrame).

Ela fala que tem um irmão, que é pedreiro e que mora em Santa Fé do Sul – SP.

Quando ainda era casada, seu marido engravidou uma moça bem mais nova, que não saía de sua casa e que morava no mesmo quintal, deu o maior problema e ele ficou preso por 5 anos, e ela não quis mais saber dele, só ficou sabendo depois de muitos anos que ele havia falecido (assim ela conta). É analfabeta, apesar de dizer qu estudou por 3 anos. Tem interesse em fazer tapete retalho e gosta de cantar.

Não tem contato com familiares nunca recebeu visita familiares. Faz uso de medicamentos controlados

3.1.12 Alvino Correa

Nasceu em 17 de dezembro de 1944, em Cafelândia, SP. Filho de José Correa e Maria Rocha Daniel. Tem BPC.

Apareceu ao Cetremi (Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante) em Campo Grande em 1990, recolhido pela ronda sócia, em precárias condições físicas e sociais, mostrou-se com bastante dificuldade, em se expressar, nos parecendo ser portador de amnésia.

Entrou no asilo de Paranaíba em 13 de setembro de 1992, pois estava perambulando pelas ruas, sem localizar nenhum familiar veio para o asilo.

Ele é conhecido como Bino, e ajuda-nos afazeres do dia a dia do lar. Perdeu todo contato com familiares. Sabe ler e gosta de assistir TV. Não tem contato com familiares. Seus problemas de saúde são fraqueza nas pernas e visão fraca devido à idade. Usa de medicamentos controlados.

3.1.13 Aurora Alves de Freitas

Nasceu em 13 de fevereiro de 1945, em Paranaíba – MS. Filho de Lázaro Francisco Furtado e Florípedes Alves de Freitas. Possui BPC

Entrou no asilo em 05 de abril de 1987, é deficiente físico e mental, adora brincar de bonecas e fica sempre ao lado da Sra. Iaponira que também é cadeirante e adora ela. Apresentada por José Alves de Freitas (R: José Garcia Leal, 299) centro. É analfabeta.

3.1.14 Geraldina Roque de Almeida

Nasceu em 28 de agosto de 1948, em Passos – MG. Filha de Alvino Roque Madeira e Ana Augusta de Almeida. Possui BPC.

Entrou no asilo em 24 de julho de 2002, apresentada pela Assistência Social de Paranaíba. Na época veio ela e o marido, ele começou a agredir ela e brigar com os outros internos e fugir, então teve que retirá-lo.

Ela é analfabeta, tem depressão, dificuldade de gesticular e de fala, devido a idade. É diabética, não tem filhos, somente sobrinhos, de quem recebe visitas às vezes.

3.1.15 Geraldo Pereira da Silva

Nasceu em 24 de outubro de 1948, em Jales – SP, filho de Juvêncio Ferreira da Costa e Clemência Pereira da Silva.

Entrou no asilo em 29/08/91, apresentado por Rosalina (ex- mulher que já faleceu). Ele fazia tratamento em Campo Grande, a esposa faleceu, e ele teve que vir para o asilo. Tem sequelas de acidente comum (def. físico), sequela de Hanseníase e portador de úlcera nos membros inferiores.

Alcoólatra, fica agressivo quando não está medicado, epilético. É benzedor e sempre vem gente da vizinhança para benzer. Tem um casal de filhos, o moço (Cirso) mora na Cohabinha em Paranaíba e a moça em Cuiabá. Ficou viúvo duas vezes. É uma pessoa de pouco assunto. Sabe ler, mas diz que estudou apenas até a 2ª série. Ouve rádio e assiste TV. Recebe visita de amigos e do filho Cirso de vez em quando.

3.1.16 João Borges de Queiroz

Nasceu em 17 de maio de 1944, em Cassilândia – MS. Filiação: José Ribeiro Borges e Maria de Queiroz Borges.

Entrou no asilo em 31 de agosto de 2001, apresentado por Clélia (Padaria Tropical). Ele sempre trabalhou nas fazendas, hoje está afastado devido AVC, teve que vir para a cidade se tratar, como não localizou nenhum familiar, trouxeram para o asilo. Ficou desaparecido da família 36 anos, um dia a irmã dele mandou uma carta para rádio Paranaíba e o pessoal do asilo ouviu e foi até a rádio levá-lo ao encontro da irmã.

A tarde veio à família toda visitá-lo, mas ele não quis ir embora. A irmã mora em uma fazenda a 30 km e direto ele vai para lá e leva a sua companheira Aildes. O sonho dele é comprar uma casa para morar com Aildes.

Ficou com algumas sequelas da AVC, como dificuldade de gesticular e motora, paralisia parcial do lado esquerdo do corpo. É uma pessoa boa para conversar e gosta muito de fazenda. Não sabe ler. A irmã e o cunhado vêm sempre visitá-lo ou senão ele vai para a fazenda.

3.1.17 Joaquim Francisco dos Santos

Nasceu em 02 de janeiro de 1948, em Montes Claros – SP. Filho de Manoel Francisco dos Santos e Dilmira Maria de Jesus.

Entrou no asilo em 23 de abril de 1998, apresentado pela filha Maria Aparecida de Jesus, fone 36684592, pois não tinha renda e nenhum familiar que possa abrigá-lo.

Foi casado no religioso, durante 28 anos, desta união nasceram 6 filhos, todos casados, residindo com sua respectiva família. A mais velha mora em Paranaíba.

Sempre morou e trabalhou nas fazendas, hoje está afastado do serviço, pois tem Osteoporose, não pode fazer esforço físico e nem consegue ficar de pé por muito tempo, seu quadril e coluna também está sendo afetados devido à doença.

Toma medicamento e faz fisioterapia duas vezes por semana, aqui mesmo no asilo. Ele ajuda a zelar pelos outros internos, mas de vez em quando é ignorante. Não sabe ler. Ouve rádio e assiste TV. Gosta de jogar truco, ouvir música. De vez em quando os filhos vêm visitá-lo.

3.2 Memórias do Sr. Joaquim

3.2.1 Identificação

Nome: Joaquim Carvalho dos Santos

Idade: 85 anos

Quanto tempo de asilo: 5 meses

DN:01/09/1925

Filiação : Sebastião Pereira dos Santos e Jovelina Rodrigues de Carvalho
Aposentado.

- Histórico:

Foi encaminhado ao lar no dia 28 de Abril de 2015 pela vizinha e amiga de infância Zenaide Faria, que se tornou responsável pela internação do senhor Joaquim Carvalho. Gosta de ouvir rádio e assistir TV. Também gosta de ouvir música e auxiliar nas atividades do lar.

- Habilidade

Quando ainda trabalhava, ele disse ter sido um ótimo poceiro, com uma agilidade grande para furar um poço rapidamente.

-Aspecto Educacional

Estudou até a segunda série do ensino fundamental.

- Relacionamento familiar

Não tem, pois o mesmo relata não ter mais familiares vivos. Mesmo assim, o sr Joaquim considera duas visitas feitas pela dona Zenaide, uma conhecida já mencionada anteriormente.

- Saúde

Ele é hipertenso, toma remédios para a pressão como Captopril. Também toma Lorazepan, uma medicação que auxilia no sono, pois tem dificuldades para dormir. Recentemente passou por cirurgia de catarata, disse que ficou com medo do procedimento cirúrgico, mas que agora está tudo bem.

Aparentemente o Sr. Joaquim está em boas condições mentais e físicas, se contar pela sua idade, ele ainda se apresenta muito disposto e com uma lucidez para o convívio com outras pessoas.

- Contato com o depoente

Naquele dia meio nublado marcamos mais uma visita ao asilo, mais uma das dez visitas que fizemos, foi neste dia que encontramos o caderno com os depoimentos, numa caixa abandonada junto com fotos e outros documentos. Fiquei muito triste neste dia da visita, que não conseguia escrever o texto, vendo a história de pessoas sendo deixada de lado. Saí de lá com lágrimas nos olhos, desanimada em ver tão de perto todas as dificuldades que podemos ter na velhice, como ficar doente, perder a memória ou não ter com quem morar.

Sr. Joaquim é um retrato da solidão que comum na velhice e vivida por idosos na instituição. É mais um dos internos que está a menos tempo na instituição. Com 85 anos, era o que tinha a melhor memória.

Foi uma boa conversa. Trocamos muitas ideias durante às visitas. Diz estar satisfeito morando no lar, e ficou muito feliz com a visita, como também os demais internos. Assim, procuramos, nas nossas visitas, dar o melhor, um sorriso, alegria, o saber ouvir. É muito pouco, mas penso que seja isso o que eles querem.

São questões que mexeram com meu coração e me fez valorizar tudo que tenho, principalmente meus pais.

Senti que muitas vezes o queixo do Sr. Joaquim tremia e as lágrimas marejavam seus olhos ao falar das suas histórias. Disse não ter magoa da família e que perdoa a todos. Disse também que não tem culpa por se tornar invisível para muitos.

São muitos os ensinamentos. O maior deles: devemos valorizar os cabelos brancos.



Fig. 8: Sr. Joaquim (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)

3.2.2 Depoimento

Meu nome é Joaquim Carvalho dos Santos, meu nascimento foi em Minas Gerais. É o que está nos meus documentos, que tenho aqui comigo. Nascido em Minas e criado em São Paulo. Foi em Varginha, sul de Minas, aí eu fui para São Paulo e de lá

para cá. Eu estudei na infância, mas não me lembro mais, já faz muitos anos, mas estudei até o segundo. Ai de lá eu vim para cá e daí faleceu minha família tudo, só resta eu.

Nós era em onze. Geraldo, o mais velho, José, Antônio, quarto eu, quinto Joaquim, sexto, e agora as muié: Maria, Joana, Sebastiana e uma na Cassilândia. E eu to aqui. Eu vô para onde. Eu não tenho lugar nenhum, Eu sô sozinho. Não tenho para onde ir. A velhinha que eu moro na casa dela... eu vim pra cá... tirar o dinheiro no banco... a mulher me internou aqui... morava em... daí eu vim pra cá e nenhuma delas vem me visitar, só a nora.

Minha mãe, Jovelina Rodrigues de Souza. Eu tirei um novo documento. Aqui eu sou mato-grossense (risos)... eu to achando bom aqui.

Joaquim Carvalho dos Santos.... eu sou o único vivo...

Vim pra cá (asilo) magrinho, magrinho. Vim com 58 quilos, agora to com 64. Trabalho não emagrece ninguém não.

Fui até a segunda série, cabeça ruim, né... Meu pai me tirou da escola para trabalhar na roça.

Então, vou contar do trabalho de ajudante de pedreiro. De tudo se faz um pouquinho. Aqui não tem...

Sabe futebol, eu largava a comida no prato pra jogar futebol.

Já furei poço. Tudo depende da profundidade. Não chegou duas semanas o poço, daí terminei... só um poço na minha vida com nove metros...Tinha que joga o balde amarrado com a corda para subir a terra... O outro enrolava aquela corda no sarí... Aí quando chegava na água tá pronto.

Quando eu morava na fazenda São Benedito, o Senhor sabe, morei quinze anos, na primeira fazenda. A segunda, a do Mario Cota, de lá eu vim para cá... E a mulher me internou aqui não veio nem um dia me ver. Acho que ela mudou de lá. Ela é criada comigo desde a infância, conhecida de menino.

O bar do Tião, ali que morava o filho meu, o mais velho. Tem a padaria. Eu fazia compra lá e vinha vindo...

Um homem assim, assim, perto falou, falou... e eu falei pro cara do bar... acho que esse rapaz é meu filho, ah! Se não sabe de nada. Passado o tempo descobri que era ele esse aí, esse aí veio procurar... tava na cadeira de rodas... ele perguntou o meu nome e eu perguntei o dele.... meu filho tem a idade daquele homem que chegou ali... tem

mais... morreu do negócio do pulmão... então não tem nenhum filho aqui na cidade... só eu agora... fora de brincadeira.

Tem gente que fica chorando. Eu vou daqui pra lá, o cemitério. É perto (risos).

Quando eu vim pra cá, não tinha nada não...

Onde tem o encanamento era pura represa, podia pesca lá, não tinha asfalto não.

Eu votava, agora não voto mais. Sumiu meus documentos e para nós não é exigido vota. Já votei muitas vezes... Eu levava comida na roça...

Você estava no dia do meu aniversário? Dia primeiro completo 85 anos... esse não estava aí... Aquele enfermeiro é gente bacana...eu já até almocei na casa dele...

Gostava de bola, peteca... adivinha... quem não sabe?... pegava o lenço, brincar com quem está o anel e bola de meia... tudo brincadeira de antigamente. A brincadeira de hoje em dia é maconha, é revolver.

Mas eu to gostando daqui. Aqui como cinco, seis vezes por dia. To bem zelado, mas sinto saudade da minha família...Lembrar do passado é ruim... é sofrer duas vez.

É porque faz falta o estudo. Papai falava: estuda meu filho, que mais tarde vai sentir falta. Tá na cabecinha. Guardei. Se eu tivesse estudo talvez não tivesse assim... Mais eu era cabeça dura de compreende as coisa...e não tirava nota... Aí papai me tirou da escola pra trabalha na roça...

Eu tinha um amigo na escola o Zé Teixeira que também não compreendia... a professora Jerônima batia nele com a régua e a palmatória...ela colocava ele de castigo no caroço de milho...mais ele comia o milho tudo, aí não sentia dor...(risos) Quando a diretora ia na sala, tinha que fica de pé em respeito a ela...só sentava de novo quando ela dava a ordem pra senta.

A professora lecionava com a cartilha “Meu amigo”... Só tinha conta de soma, diminuir e desenho... Nós rezava e cantava o hino todo dia antes de começa estuda...na hora do recreio os menino e as menina não ficava junto...Era proibido se passasse um menino pro lado das menina... mas sempre tem um que fofoca conta lá... e voltava... o lanchinho... era bonzinho.

A mamãe fazia pão. Ô pão gostoso... mais só comia se ela desse... o dia que eu pegava sem pedir... ela metia a mão na minha orelha... ela era muito brava... e agora tem tudo, como até sem ter fome... a comida aqui é farta.

Agora tem tudo, livro, caderno, borracha, carrinho para carregar o caderno, né? Antigamente era um imborná, antigamente falava sacola, punha o caderninho ali, põe

nas costas. Agora tem tudo para a criançada... menino desse tamanho tem carrinho para carregar o material. Pula corda, cavalinho de pau.

Nesse momento, o Senhor Joaquim perguntou-me se eu ainda tenho pai? Respondi que sim! Senhor Joaquim. Respondeu em um gesto humilde: Benza a Deus.

Também perguntei sobre a sua religião, o senhor é católico, Sr. Joaquim? Respondeu: Graças a Deus. Rezava a noite inteira. Santo Agostinho, e aquele outro santo também, não lembro... O povo tem que orar mais do que reza, né? O povo aqui gosta muito de baile... dou umas dançadas por aí. Mas sou devoto à Nossa Senhora Aparecida...

Para finalizar a entrevista perguntei: O Sr. quer deixar alguma mensagem? Ele respondeu: Ah!, não tem jeito não, não tem parente nenhum para deixar a mensagem. Para pessoas eu não tenho parentes. Mensagem para quem não merece, não adianta.

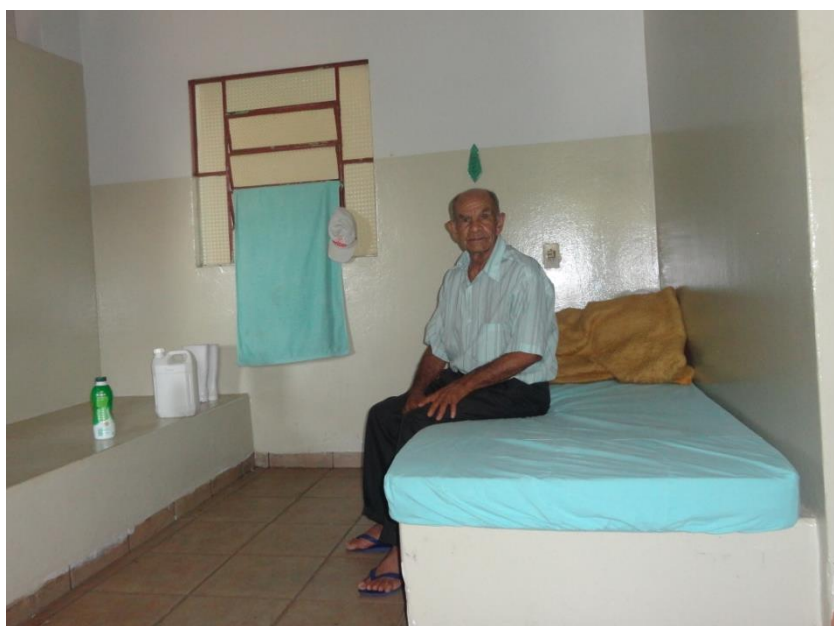


Fig. 9: Sr. Joaquim (Fonte: Acervo do Asilo Santo Agostinho)

Senhor Joaquim gostou da entrevista e perguntou se eu voltaria. Percebi um certo entusiasmo da parte dele, pareceu-me que ele se sentiu importante e que minha companhia naqueles momentos de entrevistas, faziam dos seus dias mais alegres.

O Sr. Joaquim é um homem sábio, de personalidade forte, nas suas falas pude observar que mesmo ele estando feliz com o asilo e o modo como ele é tratado lá, ainda deseja voltar para sua casa. Este desejo está relacionado às lembranças do passado

quando o Sr Joaquim não precisava depender de ninguém, quando tinha condições de se sustentar e trabalhar sem depender de outras pessoas.

O contato com Sr. Joaquim me fez enxergar nele uma pessoa triste com o desfecho de sua vida. Por sempre ter trabalhado e se sustentado ele não se via dependendo de outras pessoas. E a falta da família também o incomoda muito.

Mas o que mais me chamou atenção foi a fala em que ele diz: “Daqui eu vou pra onde?...para o cemitério”. Nessa fala ele retrata bem a realidade atual, pois a família que deveria estar presente nesse momento da velhice, se mantêm distante, passando suas responsabilidades para as instituições asilares. Nota-se um descaso com a história dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a impressão que se tem é que o tempo passa mais rápido, que o relógio resolveu correr em um ritmo acelerado. E, olhando ao entorno, tudo acontece rapidamente. O que era ontem, hoje não é mais, principalmente quando se insere a tecnologia. O computador, de última geração no semestre passado, hoje já é ultrapassado. O celular então nem se fala, a cada dia surge inovações, aplicativos para isso e aquilo, se aproxima a tornar-se um computador completo, na verdade, superando-o em algumas operações.

Para os mais velhos, principalmente os que têm mais de 60 anos de idade, é difícil acompanhar tantas invenções, renovações e avanços. Por outro lado, olham para trás, e parecem não acreditar nas modificações tão profundas que aconteceram nos últimos 50 anos. Principalmente quando se volta para a vida das cidades do interior, como o município de Paranaíba.

Nessas pequenas cidades, com um pequeno olhar para o passado já se pode deparar com uma situação bem diversa: a iluminação fraca, quase que insuficiente para se enxergar a noite. Telefone? Eram raros e pouco falavam. Para se fazer um “interurbano” precisava da intermediação de uma telefonista. Televisão? Foi uma festa quando foram instaladas as primeiras. Os “sortudos” tinham que se sujeitar a receber os vizinhos para assistirem aquela verdadeira “mágica”. As casas, não precisavam ser trancadas e o sossego era total. O “Grupo Escolar” recebia os alunos de toda cidade, em seu início no processo escolar, e o respeito e até temor pelos professores norteavam seu comportamento.

Mas, são incontáveis as situações, os “causos”, o ambiente e o comportamento desses tempos passados. E se constituem numa riqueza única, um verdadeiro tesouro sobre o qual as novas vidas e os novos tempos são construídos, edificados. E não poderiam ser perdidos, abandonados, deixados de lado, como se não fizessem parte da história.

Mas, infelizmente é o que se vê. Não se valoriza mais o que passou, o que foi vivido. Não se senta mais para ouvir as histórias da família, dos antepassados, de como eram as coisas antigamente. Não há tempo para isso. A televisão, o computador, o celular não deixam.

Assim, este trabalho pretendeu se debruçar sobre parte do passado dos internos do Asilo Santo Agostinho, em especial sobre as memórias do Sr. Joaquim, procurando refletir suas vivências, experiências e até mesmo seus esquecimentos.

O que se mostrou ser uma experiência única e transformadora, que acabou evidenciando outra realidade que caracteriza os dias atuais, a desvalorização dos próprios idosos. Não é só sobre as histórias que eles tem para contar que não há interesse, eles mesmos são vistos por muitos como ultrapassados, descartáveis, como se não servissem mais para nada, como se não fossem eles que tivessem abertos os caminhos para que se chegasse até aqui.

Surgem, então, novas questões, que humanidade será essa que relega sua própria humanidade? Que descarta facilmente quem lhes deu a vida? Que futuro há para quem não enxerga o passado? Para quem não dá valor a própria história? Quem puder, que responda. Essas indagações podem ser respondidas com a contribuição de outras áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- AFFELDT, Marco Aurélio Feltrin. **O asilo enquanto espaço e lugar: A institucionalização da velhice em Santa Maria-RS.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria Santa Maria, RS. 2013. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/ppggeo/images/mafa.pdf> Acesso em: 18 Set. 2015
- ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos.** 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Estatuto do Idoso:** Lei nº10. 741, de 1º de outubro de 2003. Dispositivos constitucionais Pertinentes Normas Correlatas Índice Temático. Brasília: Senado Federal, 2003.
- CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **As instituições de longa permanência para idosos no Brasil.** R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 233-235 jan./jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v27n1/14.pdf> Acesso em: 19 Ago. 2015
- CAMARGO, Aspásia. **História oral e história.** Rio de Janeiro: CPDOC, 17f., pp.4-5 (Trabalho apresentado no I Seminário Brasileiro de Arquivos Municipais. Niterói: UFF, 2 a 6 ago.1976)
- COSTA, Elizabeth Maria Sene. **Geronto drama: A velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre envelhecimento e a terceira idade.** São Paulo: Ed. Àgora, 1998.
- FERNANDES, Priscila Matos. **O Idoso e a assistência familiar:** Uma abordagem da família cuidadora economicamente dependente do idoso. Disponível em <<http://www.castelobranco.br/sistema/novoenfocoque/files/07/14.pdf>> Acesso em: Acesso em: 19 Ago. 2015.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: procedimentos e possibilidades.** 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GOFFMAN. E. Manicômios, prisões totais e a institucionalizações. **Revista Paulista Hospitais**, São Paulo, v, 34, n 7, p. 135-134, jul./set.1986.
- LOUZÃ N. et al. O idoso, as instituições totais e a institucionalização. **Revista Paulista Hospitais**, São Paulo, v.34,n.7, p.135-134,jul/set.1986.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados.** 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- MESSORA, Luisa Barbosa. **Perfil dos idosos em instituições asilares de três municípios do sul de Minas Gerais.** Universidade Federal de Alfenas. Pós-Graduação

“*Lato Sensu*” Alfenas-MG. 2006. Disponível em: <http://www.unifal-mg.edu.br/gpaf/files/file/monografia%20luisa.pdf> Acesso em: 19 Ago. 2015

NEVIS, Allan. **Oral history: how it was born**. In: Dunaway, D.K.; BAUM, Willa (Eds.). *Oral history: na interdisciplinary anthology*. Nashville: American for State and Local History, 1985.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais** *Estud. psicol. (Campinas)* vol.25 no.4 Campinas Oct./Dec. 2008 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013>. Acesso em: 19 Ago. 2015.

THOMPSON, Paul. **Voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, [1978] 1992.

ANEXO 1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL – UEMS

Unidade Universitária de Paranaíba/MS

Curso de Pedagogia

Graduanda: Débora Antônio Souza Oliveira

Orientador: Profº Dr. Me. Fernando Luís Oliveira Athayde Paes do

CARTA DE SOLICITAÇÃO

Caro Sr Diretor Amauri Gonzales

Venho por meio desta, solicitar sua colaboração, para o que se segue.

Sou aluna regular do Curso de Pedagogia, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). E procuro por meio de minha pesquisa, compreender como se deu a escolarização e a infância dos idosos residentes no Asilo Santo Agostinho.

Na fase da pesquisa desencadeada, encontro-me no levantamento das fontes documentais e orais, sendo necessário pesquisar no acervo do Asilo Santo Agostinho. Sendo assim, posso afirmar que os dados coletados receberão um tratamento científico e ético, não sendo divulgados aleatoriamente, mas de acordo com as normas vigentes da Academia Científica.

Certo de poder contar com sua colaboração, agradeço.

Atenciosamente,

Débora Antônio Souza Oliveira

Paranaíba, de Julho 2015.

ANEXO 2**TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITO SOBRE DEPOIMENTO ORAL E IMAGEM**

Cedente: _____

Nacionalidade: _____

Estado civil: _____

Profissão: _____

Portador da cédula de identidade (RG) nº _____

A entrevista e as imagens serão gravadas exclusivamente para pesquisa em Licenciatura em educação, vinculada ao Programa de Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Declaro ceder sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento e de imagem de caráter histórico e documental que prestei a pesquisadora Débora Antônio Souza Oliveira graduando pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

O pesquisador fica autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, os meus depoimentos e imagens, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, sempre em consonância com as normas da academia, com a única ressalva de integridade ética, de acordo com as normas da academia, de indicação de fonte e autor.